

Testes de translocação e efeito de fungicidas sobre a severidade da antracnose do feijoeiro

Karla Guedes Gomes¹, Daniela Damasceno X. Ferro², Murillo Lobo Júnior³

Visto que o controle químico é um dos métodos mais utilizados no manejo da antracnose (*Colletotrichum lindemuthianum*) do feijoeiro comum, este trabalho objetivou avaliar a translocação e a ação preventiva e curativa de diferentes fungicidas sobre a severidade da doença. Foram testados os fungicidas azoxistrobina (0,12kg ha⁻¹), carbendazim (0,5L ha⁻¹), tiofanato metílico (0,7kg ha⁻¹), piraclostrobina (0,3L ha⁻¹), metiram + piraclostrobina (1,5kg ha⁻¹) e hidróxido de fentina (0,325L ha⁻¹) sobre plantas da cv. Pérola em estágio V4, cultivadas em vasos. Todos estes produtos e respectivas dosagens estão registrados no MAPA para controle da antracnose em feijão comum. Na testemunha utilizou-se água + Tween 20 (0,01%). A translocação foi avaliada no primeiro trifólio das plantas estimando-se a severidade da doença em metades de folíolos não tratadas e inoculadas com suspensão de $1,6 \times 10^6$ conídios de *C. lindemuthianum* mL⁻¹, vizinhas às metades que receberam os fungicidas. Para avaliação do efeito preventivo e curativo, os fungicidas foram aplicados no dia anterior e posterior à inoculação, com severidade da doença nos folíolos, pecíolos e trifólios próximos avaliada três dias após, por meio de uma escala de notas de 1 a 9. Adotou-se o delineamento inteiramente casualizado, no esquema fatorial 7 x 2 x 2 (fungicidas + testemunha x modo de aplicação x local de aplicação na folha), com quatro repetições com uma planta por parcela. Houve interação ($p < 0,001$) entre tratamentos e modo de aplicação (preventivo x curativo). Todos os tratamentos diferiram da testemunha (Tukey, 5%), com menor severidade da antracnose nos tratamentos preventivos, em comparação aos curativos. De modo geral, os tratamentos com piraclostrobin e piraclostrobin + metiran tiveram melhor translocação e menor severidade da doença, considerando-se juntamente as aplicações preventivas e curativas. Todavia, os demais tratamentos também tiveram resultados positivos.

¹ Estudante de Graduação em Ciências Biológicas da Uni-anhanguera, estagiária da Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO, karlaguedes@cnpaf.embrapa.br

² Engenheira agrônoma, Mestranda em Fitopatologia da UNB, danieladamaceno87@hotmail.com

³ Engenheiro agrônomo, Doutor em Fitopatologia, pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO, murillo@cnpaf.embrapa.br